

REFLEXÕES SOBRE O LAZER: CONTRIBUIÇÕES DA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL

REFLECTIONS ABOUT LEISURE: CONTRIBUTIONS OF THE SOCIAL BEING ONTOLOGY

Thelma Hoehne Peres Polato¹

RESUMO: Este artigo busca evidenciar as ricas contribuições da Ontologia do Ser Social para uma análise do lazer, nos remetendo, dessa forma, a uma compreensão desse fenômeno para além dos significados funcionalistas e compensatórios que, hegemonicamente, tem recebido.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Trabalho. Transformações sociais. Ontologia do ser social.

Estudar o ser social em sua totalidade representa estudá-lo ontologicamente, ou seja, estudá-lo na sua forma de ser. Forma de ser esta que é histórica, processual, dinâmica e que representa, portanto, movimento, processualidade. Assim, não nos é possível dizer o que o ser social é, mas o que ele vem sendo. Numa determinada formação histórica (pois os determinantes de diferentes formações históricas são distintos) alguns determinantes atuam sobre a maneira de ser do ser social, determinantes estes que são, inclusive, modificados pela ação humana, mas que, porém, influenciam toda maneira de ser dos indivíduos.

Pretendo, aqui, efetuar uma compreensão do lazer a partir de uma perspectiva ontológica para, a partir desta análise, verificar qual a contribuição que este pode dar ao processo de emancipação humana.

Dentro da tradição marxista, Lukács foi o autor que mais se dedicou à interpretação destes "enunciados ontológicos" e a demonstrar que no eixo destes enunciados encontraremos a categoria trabalho como categoria central. Ao que parece, portanto, todo e qualquer estudo que pretenda, numa perspectiva marxista, estudar algum aspecto do ser social, deve se remeter, direta ou indiretamente, ao seu elemento fundante, ou seja, ao trabalho.

Nesse caso, então, em que pretendo refletir sobre o lazer, a necessidade da compreensão do elemento fundante da sociabilidade humana é ainda maior, pois grande parte dos estudos desta área, numa perspectiva marxista ou não, são feitos em referência ao trabalho. Na maioria dos casos, equivocadamente, o lazer é sempre entendido como atividade humana realizada no tempo de não trabalho.

Para o "trilhar" deste caminho, que pretende ter as formulações marxianas

¹ Mestranda em Educação Física - UNICAMP.

como base de análise, acompanham alguns pressupostos: 1. Que a categoria lazer, assim como a categoria trabalho, "são formas de ser, determinações da existência" são, portanto, ontológicas; 2. Que para compreensão de tais fenômenos devemos seguir do mais complexo para o mais simples e não o contrário, pois "a anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco e não o contrário".

A DIMENSÃO ONTOLÓGICA DA ATIVIDADE HUMANA

A realidade se apresenta de maneira concreta, determinada, porém dinâmica, passível de ser transformada. Para a apreensão dessa realidade, é necessário uma reflexão racional das determinações existentes, da realidade objetiva para o desenvolvimento e transformação dos fatos. É preciso compreender os fatos a partir de suas contradições, em sua totalidade onde, esse todo, depende da estruturação do modo de produção existente e das relações estabelecidas pelos homens.

O homem, como um ser social e histórico, inserido em uma estrutura social que, embora determinado por contextos econômicos, políticos e culturais, é também criador e transformador dessa realidade social – e faz isso de maneira conscientemente orientada, teleologicamente posta – só pode existir e se reproduzir a partir de uma constante e ineliminável troca com a natureza, ou seja, através do trabalho.

Para Lukács, o trabalho é a protoforma do agir humano. Apesar da reprodução social comportar outros tipos de ação, sem o trabalho as atividades humano-sociais não poderiam existir. A relação com a natureza, mediada pelo trabalho, é o fundamento ontológico da busca de uma vida "plena de sentido".

[...] é a capacidade essencial de, pelo trabalho, os homens construírem um ambiente e uma história cada vez mais determinada pelos atos humanos e cada vez menos determinadas pelas leis naturais, que constitui o fundamento ontológico da gênese do ser social. E toda essa processualidade tem, no processo de generalização denotado pelo trabalho, seu momento fundante (LESSA, 1997. p. 63).

O trabalho, como se percebe, é então a dimensão ontológica do ser social, pois é através dele que o homem realiza sua intenção na natureza. Essa intenção é modificada no processo ao mesmo tempo em que a realidade é transformada. Essa atividade representa, ao mesmo tempo, a generalização do indivíduo no social e a singularização do social nesse indivíduo, representa, sociabilidade.

No entanto, não devemos simplificar o trabalho a uma simples objetivação de uma vontade. Há que se lembrar que em seu processo participam também, além da atividade orientada, os meios de produção, os objetos de trabalho e objeto trabalhado (produzido). Há que se lembrar também que não se trata de uma primazia da razão sobre o objeto, mas trata-se de uma relação dialética onde a práxis é o conhecimento a e ao mesmo tempo instrumento de conhecimento.

Não existe conhecimento à margem prática do homem.

Citando diretamente Marx, Lukács argumenta que três são os momentos decisivos da categoria trabalho: a objetivação, a exteriorização (Entäußerung) e a alienação (Entfremdung). A objetivação é o complexo de atos que transforma a prévia ideação, a finalidade previamente construída em consciência, em um produto objetivo. Pela objetivação, o que era apenas uma idéia se consubstancia em um novo objeto, anteriormente inexistente, o qual possui uma história própria. (LESSA, 1996. p. 10).

A objetivação é o que articula a teleologia com a construção de um novo ente. Este novo ente é ontologicamente distinto da consciência que o concebeu já que nunca é realizado tal qual havia sido concebido. Nesse processo o indivíduo também se transforma pois, por um lado, desenvolve novas habilidades e por outro, para poder vencer a resistência imposta pela natureza a ser transformada, é necessário que conheça os nexos causais da natureza que pretende transformar. Não há dúvidas, portanto, que neste processo, mudam a natureza e o indivíduo. Desta maneira, a produção de um objeto não é apenas uma transformação da realidade, uma objetivação, mas é também uma exteriorização do sujeito que trabalha. O sujeito se consolida nas coisas que faz, porém essas coisas não são a identificação imediata do sujeito, já que no processo ambos se transformam e de tal forma que temos um processo ininterrupto. A exteriorização deste indivíduo é, ao mesmo tempo, a exteriorização dos patamares da individualidade social, é representativa do nível de desenvolvimento da humanidade como um todo.

Esse complexo objetivação-exteriorização é o solo genético do ser social enquanto uma esfera ontológica distinta da natureza. (...) Os objetos construídos pelo trabalho apenas poderiam surgir enquanto objetivações de finalidades ideais; eles incorporam determinações que emergem do fato de terem um pôr teleológico em sua gênese. Um machado é muito mais do que mera pedra e madeira: é a pedra e a madeira organizadas numa determinada forma que apenas poderia surgir por uma transformação teleologicamente orientada do real. Nenhum processo natural, seja ele qual for, poderia produzir algo semelhante a um machado; este é um ente que apenas pode surgir enquanto construto humano. O mesmo mutatis mutandis, poderia ser dito de objetivações muito mais complexas como uma obra de arte ou uma relação social como a estabelecida pelo capital (Lessa, 1996. p. 12).

Esse processo de objetivação-exteriorização impulsiona o desenvolvimento genérico da humanidade para patamares superiores de sociabilidade, ou seja, dá origem a um complexo social que sintetiza os atos dos indivíduos singulares em

tendências que conferem unidade e sentido ao desenvolvimento do gênero humano. Dessa forma, no momento em que os indivíduos adquirem, em escala social, a consciência de como os seus atos são sintetizados em determinadas tendências históricas, eles podem, através da modificação de seu comportamento, interferir nesse desenvolvimento, impossibilitando-o ou alterando-o em um sentido ou em outro. Assim, cada nova objetivação-exteriorização encontrará um ambiente social mais desenvolvido para sua efetivação gerando demandas cada vez mais socialmente elaboradas e operando respostas cada vez mais socialmente complexas.

A síntese dos atos singulares em tendências genéricas possui ainda a característica de possibilitar o desenvolvimento da individualidade. Quanto mais complexa for a sociabilidade, quanto mais mediados socialmente forem os atos que os indivíduos devem realizar cotidianamente, tanto mais complexas são as individualidades.

Se Lukács afirma que os três momentos decisivos do trabalho são a objetivação, a exteriorização e a alienação falta-nos estudar o terceiro aspecto do trabalho: a alienação. Para isso faz-se necessário que recuperemos a análise feita por Lukács, seguido de Marx, a respeito da ordem burguesa.

Na enorme maioria das vezes, a síntese dos atos singulares em tendência histórico-genéricas impulsiona a humanidade para patamares superiores de sociabilidade. Contudo, isso nem sempre ocorre. Em dadas situações históricas, mediações e complexos sociais, mesmo que anteriormente tenham impulsionado o desenvolvimento sócio-genérico, podem passar a exercer um papel inverso, freando ou dificultando o desenvolvimento humano (LUKÁCS, 1979. p. 54).

Devemos compreender a alienação como resultante da história humana, como resultante da reprodução social, pois essa é a condição para a sua superação, ou seja, trata-se de um fenômeno produzido pela maneira de ser do homem na ordem burguesa. Não se trata de uma característica essencial e, portanto, pode ser superada pela própria prática social humana, mas, na ordem burguesa, trata-se de um fenômeno que necessariamente ocorre, a alienação é uma condição necessária para a vida humana na ordem burguesa.

[...] nos dias em que vivemos, um exemplo desse fato é a introdução da automação e da informática na produção. É hoje inegável o quanto isso poderia significar no sentido de diminuir a jornada de trabalho efetivamente necessária para a reprodução da sociedade, aumentando assim o "tempo livre" dos indivíduos. A esfera da necessidade poderia consumir um tempo de trabalho da humanidade infinitamente menor ao que absorve hoje, e a esfera da liberdade poderia ser ampliada de modo significativo. O que isso significaria no sentido da emancipação humana é por si evidente (LESSA, 1996. p. 20).

As alienações são produtos da história humana, são resultantes da reprodução social. Concebendo a essência humana como histórica, como historicamente determinada pela reprodução social, Lukács nos leva a compreensão de que os homens fazem sua própria história, e que, portanto, as misérias humanas são de responsabilidade única da humanidade, e a modificação disso também.

O CENÁRIO ATUAL E A CRISE CONTEMPORÂNEA: QUAL O ESPAÇO PARA O LAZER?

A sociedade contemporânea vem sendo marcada por um acelerado processo de transformação social, transformações essas que revolucionam o modo de reproduzir nossa vida material, com enormes implicações sobre a organização da produção e do trabalho.

Essas transformações se dão, fundamentalmente, em função das novas configurações do sistema produtivo. Na dinâmica organizacional societária, essas transformações fazem com que apareçam novos tipos de relações produtivas criando uma nova organização sócio-técnica do trabalho.

Em meados da década de 1970, o padrão Taylorista/Fordista de produção começou a se esgotar e deu espaço a novas formas de organização da produção, como o Toyotismo, fundando a chamada flexibilização, ou acumulação flexível. Houve também nesse período uma globalização das relações econômicas, permitindo uma desterritorialização do capital, que fez com que a circulação do capital passasse a não ter mais fronteiras. No âmbito da sociedade capitalista, os processos de trabalho – fordismo, toyotismo e acumulação flexível – se substituíram na perspectiva de adequação da produção à lógica imposta pelo mercado.

Estas intensas transformações que vimos assistindo nos últimos tempos e que refletem uma incrível potencialização das forças produtivas, não produzem o alargamento – como poderiam – dos horizontes teóricos e políticos, culturais e afetivos da humanidade.

Antunes (1999) aponta em seus estudos que estas transformações no mundo do trabalho acarretaram no processo que ele caracterizou como um processo de heteroginização, fragmentação e complexificação da classe trabalhadora, repercutindo em mudanças no ser do trabalho e atingindo intensamente o universo da consciência, da subjetividade do trabalhador e de suas formas de representação. As principais conseqüências dessas transformações podem ser visualizadas através da desproletarização do operariado industrial e fabril com aumento significativo do assalariamento no setor de serviços, da significativa expansão do trabalho assalariado e do trabalho parcial temporário e subcontratado, da heteroginização do trabalho e da assustadora expansão do desemprego estrutural que significa, hoje, a mais brutal das transformações e atinge escala global.

Essa reestruturação do capital, porém, foi tratada somente na sua superfície, ou seja, a reestruturação – como resposta à crise – se fez sem que se alterassem as bases do modo de produção capitalista, criando novas formas de acumulação

flexibilizadas. Isso fez com que houvesse, em escala mundial, uma ação destrutiva da força humana de trabalho, caracterizada pelo enorme contingente de pessoas que se encontram à margem do processo produtivo ou em trabalhos precarizados.

Concordamos com Antunes (1999) que este novo padrão de acumulação flexível caracteriza-se por seu alcance destrutivo. Constata-se nessas transformações que as novas formas assumidas pela organização produtiva da sociedade tem gerado um cenário problemático que é marcado por conflitos de toda ordem. Assim, parece recair sobre a classe trabalhadora o maior ônus decorrente do reordenamento do padrão de acumulação, pois tem sofrido, crescentemente, um processo de exclusão do mundo do trabalho, principalmente dos trabalhos formais e estáveis, aumentando o número de pessoas que ingressam no trabalho informal. Esse crescimento do trabalho informal se apresenta como uma alternativa de sobrevivência da classe trabalhadora.

Por outro lado, esse processo de exclusão do mundo do trabalho e o desenvolvimento do novas tecnologias, tem aumentado o contingente do exército industrial de reserva, uma vez que a oferta de vagas no setor produtivo é restrita, e o setor de serviços não apresenta possibilidade de absorção de toda essa mão-de-obra. Este cenário torna mais viável as estratégias de extração de mais-valia absoluta da extensão da jornada de trabalho com redução do salário real (PADILHA, 2000).

Ao utilizar-se das idéias de Viviane Forrester, Chauí (apud LAFARGUE, 1999) diz que, contrariamente as formas anteriores de capitalismo, a forma contemporânea de capital impõe a idéia de que o trabalho não cria riqueza, os empregos não dão lucro e os desempregados são dejetos inúteis e inaproveitáveis. "[...] Depois de haver produzido mercadorias descartáveis, o trabalhador tornou-se a única mercadoria descartável" (CHAUÍ, 1999. p. 55).

Dessa forma, assim como a classe de trabalhadores assalariados vive em constante insegurança com relação a sua estabilidade econômica, devido a grande taxa de desemprego como também a precariedade das relações de trabalho, o seu tempo fora do trabalho também passa a ser afetado.

Dai esse estranho fenômeno da indústria moderna: a máquina põe abaixo todos os limites morais e naturais da jornada de trabalho. Dai o paradoxo econômico que torna o mais poderoso meio de encurtar o tempo de trabalho no meio mais infalível de transformar todo o tempo da vida do trabalhador e de sua família em tempo de trabalho em que se pode lançar mão o capital para expandir seu valor (MARX apud OLIVEIRA, 2001. p. 53).

Padilha (2000) nos dá elementos que constata que o aumento do tempo de não trabalho está sendo ampliado, é verdade, para uma grande maioria de trabalhadores, mas está cedendo espaço a um problema de dimensão político-social e econômica que é o desemprego. O lazer divide, portanto, nesta dimensão do tempo de não-trabalho, as preocupações geradas pelos processos de exclusão social,

não só o desemprego estrutural, mas também o processo de estranhamento do trabalho.

Os processos de fragmentação do trabalho verificados na sociedade capitalista evidenciam e acentuam a desigualdade social, a aniquilação de alguns direitos conquistados, o crescimento da violência e miséria urbana etc. Ao mesmo tempo, e em virtude de uma crescente bandeira levantada que prega que com a forma avançada de capitalismo o trabalho já não ocupa um papel central no desenvolvimento das sociedades o peso e a importância dada ao lazer, ou ao binômio trabalho/lazer, tem sido alterado. Mesmo frente ao contexto de exclusão e privações, tem havido um crescente investimento no setor de entretenimento associado à indústria do lazer.

Dessa forma, é de extrema importância compreender as interfaces estabelecidas entre o trabalho, o tempo de não-trabalho e o lazer, na medida em que foi no processo de desenvolvimento da sociedade capitalista e, com isso, nas novas configurações sofridas pelo modo de produção dessa sociedade que o lazer surgiu.

Pode-se dizer com isso, que estas transformações acabam gerando uma nova forma de se entender não só o tempo de trabalho, mas também o tempo de não-trabalho. Se com o avanço tecnológico, aumentou-se o tempo livre de trabalho, essa dimensão do tempo/espço fora do trabalho ganha em importância, por caracterizar, também, as facetas do poder geradas pela sociedade contemporânea.

Se não só a esfera do trabalho, mas também a do não-trabalho, pode revelar os processos de fragmentação que se verificam nas sociedades capitalistas, possibilitando pensar a sociedade e refletir sobre seus valores mais gerais, podemos identificar no lazer também uma forma de alienação do homem ou a própria negação do indivíduo.

Dessa forma as concepções de lazer que o colocam como um remédio para a cura das doenças do trabalho, ou seja, que acreditam no lazer como uma fórmula para compensar as frustrações da vida laborativa, não conseguem entendê-lo no âmbito da heterogeneidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

LAZER E ONTOLOGIA DO SER SOCIAL

Da complexa relação dos homens com o mundo em que vivem, que tem no trabalho o seu momento predominante, existia também em Lukács a preocupação de resolver o problema da mediação entre o trabalho e os complexos sociais parciais.

Consideraremos aqui o lazer como sendo, assim como o trabalho, um dado ontológico do ser social na ordem burguesa, já que é um produto humano que tem sua gênese nas necessidades peculiares às sociedades de classe. Portanto, o lazer será entendido aqui como um complexo social particular, pois compartilhamos com a idéia de que este fenômeno surgiu da exploração do homem pelo homem, da distinção das classes sociais.

O lazer não tem nada de espontâneo no seu desenvolvimento, ele não emerge espontaneamente na vida cotidiana. Tendo em vista as diferentes

configurações sofridas no decorrer do desenvolvimento da sociedade – como o sentido de lazer como ócio na sociedade greco-romana, bem como o significado de lazer como sendo algo "lícito" no contexto das influências do cristianismo no período medieval e também do lazer configurando-se como um tempo controlado pela racionalidade econômica, com o desenvolvimento do capitalismo –, o momento predominante no desenvolvimento do lazer é o devir-humano dos homens. É o desenvolvimento da generalidade humana que funda a necessidade de uma esfera do lazer e coloca as novas demandas que devem ser atendidas através de novos desenvolvimentos desse complexo.

[...] é o devir-humano dos homens, tomado enquanto processualidade global de explicitação da generalidade humana, que coloca os novos problemas, novos dilemas, novos desafios, que devem ser enfrentados e superados para que a humanidade não pereça. Esses novos problemas, desafios e dilemas, requerem respostas que, por sua essência, impulsionam a humanidade a patamares sempre superiores de sociabilidade (LESSA, 2002, p. 84).

Porém, como explicitado anteriormente, nem sempre o desenvolvimento do complexo social nos leva a patamares superiores de sociabilidade, muitas vezes eles dificultam o desenvolvimento humano, como acontece nas relações de trabalho sob a égide do capital – como a exploração da mais-valia ou a fragmentação e flexibilização que sofreram as relações de trabalho na sociedade contemporânea –, tornando cada vez mais desumana a existência dos seres humanos.

Na esfera do lazer, dos autores que possuem uma visão mais crítica da área, parece haver um certo consenso sobre o fato do lazer se constituir como um tempo/espço de extensão da dominação dos ideais capitalistas. Isso se dá pelo fato de, por um lado, o tempo/espço de lazer possibilitar um período de recuperação das condições mínimas de retorno da força viva de trabalho, e por outro, por se configurar num tempo/espço que adquire para a sociedade um valor ou uma função produtiva, a partir do momento que nos libera e nos dá condições para consumir as mercadorias produzidas pelo sistema. Dessa forma, podemos afirmar que

[...] o lazer permanece como uma categoria interna da economia política, sendo gerado e apropriado em decorrência das mesmas relações sociais. É por isso que ela traduz – à sua maneira – as esferas da produção, da distribuição, da troca e do consumo. Suas formas individuais e coletivas não surgem nem são vividas, a não ser como emanações da própria economia política (CUNHA, 1987, p. 20).

Não é necessário uma análise muito rigorosa dos autores que discutem o lazer para perceber a relação existente e estabelecida entre o lazer e o trabalho.

A compreensão do lazer ou do tempo livre apresentado nos estudos sobre o lazer corresponde, na sua totalidade, à ocupação de um tempo liberado do trabalho. Sem a liberação das obrigações do trabalho não há como se pensar na existência do lazer.

Porém, esta relação que parece ser de oposição, na verdade é de estreita unidade, pois, assim como Faleiros (1980), entendemos que é no tempo de não trabalho que o indivíduo recupera a energia consumida no trabalho, produzindo novas energias e novas necessidades, com isso, nova produção. Assim, podemos afirmar que as formas de lazer estão relacionadas às necessidades humanas e às suas atividades dentro e fora da esfera de produção.

[...] um dos aspectos que deveríamos abordar diz respeito à sua relação com o trabalho. Acreditamos que a relação existente aí não é a de oposição, como alguns autores vêem. O tempo de trabalho requer um tempo de não trabalho; a atividade de trabalho requer a realização de outras atividades para que ela possa se repetir. Na realidade é um processo único. Entre o tempo de trabalho e o tempo de não trabalho existe uma unidade muito particular. Durante o tempo de não trabalho, os homens desenvolvem uma variedade de ações ligadas, todas elas, a satisfação de determinadas necessidades. Eles se transportam, preparam os alimentos, comem, fazem sua higiene, dormem, mantêm relações sexuais etc., ações estas ligadas à reconstrução e reprodução da força de trabalho. Com aquele mesmo objetivo, existem outras: eles passeiam, fazem e ouvem música, jogam e assistem a jogos, lêem e escrevem, dançam, fazem e assistem a filmes (FALEIROS, 1980. p. 64).

Dessa forma, um estudo que se pretenda inovador, que se coloque numa perspectiva crítica, deve pensar o lazer não apenas tomando como base para análise o trabalho alienado, mas deve tratar dessa categoria na sua dimensão ontológica.

Este quadro, apesar de adverso, não é estático. Portanto, temos que considerar as possibilidades criadas pelas contradições inerentes ao sistema capitalista para que sejam gestadas condições de reação, no sentido de reforçar a luta por uma sociedade emancipada.

No nosso campo específico, a afirmação de um conceito de lazer que considere as tensões existentes entre o capital e o trabalho, e que demonstre com clareza que na organização do lazer está presente uma forte carga de ideologização, nos levará a uma compreensão desse fenômeno para além dos significados funcionalistas e compensatórios que o lazer, hegemonicamente, tem recebido, contribuindo para uma melhor intervenção neste campo.

Acreditamos ser possível a partir da consideração do lazer como sendo um produto dos homens, e na sua estreita relação com o trabalho – este último sendo entendido não só na esfera do capitalismo, mas, principalmente, como categoria

ontológica – contribuir para que os indivíduos não aceitem a idéia de que essa forma bárbara da vida cotidiana vivida pela sociedade é a forma mais civilizada possível da vida social, e de aceitar como "natural" a exploração do homem pelo homem. Se isso for minimamente alcançado, acreditamos ter contribuído com o processo de emancipação humana – entendendo-a aqui, conforme PADILHA (2000, p. 16), como "... o processo de libertação dos homens em relação ao seu estado de sujeição ao sistema e aos imperativos econômicos oriundos do modo de produção".

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.* São Paulo: Boitempo, 2001.
- CHAUÍ, M. Introdução. In: LAFARGUE, P. *O Direito à preguiça.* São Paulo: Hucitec: UNESP, 1999.
- FALEIROS, M.I.L. Repensando o lazer. *Revista Perspectivas*, São Paulo, 1980.
- LAFARGUE, P. *O direito à preguiça.* São Paulo: Hucitec: Unesp, 1999.
- LESSA, S. A centralidade ontológica do trabalho em Lukács. *Serviço Social e Sociedade.* São Paulo: 52, 1996.
- LESSA, S. *A ontologia de Lukács.* Maceió: Edufal, 1997.
- LESSA, S. *Mundo dos Homens: Trabalho e Ser Social.* São Paulo: Boitempo, 2002.
- LUKÁCS, G. *A Ontologia do Ser Social: os princípios fundamentais de Marx.* São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- MARX, K. *Prefácio à crítica da economia política.* 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- MASCARENHAS, F. *Lazer e grupos sociais: concepções e métodos.* 2000. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2000.
- OLIVEIRA, P. S. de. *O lúdico na cultura solidária.* São Paulo: Hucitec, 2001.
- PADILHA, V. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito.* Campinas. Alínea, 2000.

SUMMARY: This article intends to evidence the rich contributions that the Social Being Ontology offers for a critical analysis of leisure. These contributions take us to an understanding of the phenomenon for beyond the functionalistas and compensatory meanings that, in an hegemonic way, it has received.

KEYWORDS: Leisure. Work. Social transformations. Social being ontology.

Endereço da autora:

Thelma Hoehne Peres Polato
Rua Reverendo João Euclides Pereira, 512
São Paulo – SP – Cep:.03814-080
E-mail: thelmapolato@uol.com.br

Recebido em: 13/01/2004

Aceito em: 20/04/2004